



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cultivando-outras/>

Cultivando outras relações, outras convivências e outros mundos possíveis: a experiência do Programa de Extensão ConViva!

Aline Campos [1]

Edinelma Alves de Sousa Resplandes [2]

Maria Victória Lima dos Santos [3]

Pedro Lucas Nunes Lopes [4]

RESUMO: Este texto é um relato de experiência sobre o *Programa de Extensão ConViva!:* *outras relações, outras convivências, outros mundos possíveis*, que tem como eixos o Paradigma do Bem Viver, a Educação Popular e a Educação Ambiental. Tomando como inspiração o ciclo de desenvolvimento de uma planta, que vai da semente à floresta, analisamos as experiências advindas da construção coletiva de nossas práxis em busca da ruptura com a dicotomia entre seres humanos e Natureza e em prol do desenvolvimento da consciência planetária. Nosso objetivo consiste em contar a nossa história sobre o cultivo das sementes que obtivemos de alguns frutos que chegaram até nós e que têm alimentado nossas esperanças e ações por meio do *ConViva!*, entendendo esse gesto como uma forma de adiar o fim do mundo. Alimentados pelo diálogo com uma realidade concreta, pela integração com a sociedade e ações coletivas, temos nos enraizado, desenvolvido e florescido. Nesse processo, reunimos diversas aprendizagens, fortalecemos nossos vínculos e dispersamos nossas sementes, o que nos possibilita atrelar pertencimento ao solo e desprendimento pelo mundo, enquanto estratégia de enfrentamento à crise ambiental, que se dá por meio da articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

PALAVRAS-CHAVE: Bem Viver. Educação Ambiental. Educação Popular. Ensino-pesquisa-extensão.



Cultivando otras relaciones, otras convivencias y otros mundos posibles: la experiencia del Programa de Extensión ConViva!

RESUMEN: Este texto es un relato de experiencia sobre el *Programa de Extensión ConViva!*: *otras relaciones, otras convivencias, otros mundos posibles*, cuyos ejes son: el Paradigma del Buen Vivir, la Educación Popular y la Educación Ambiental. Tomando como inspiración el ciclo de desarrollo de una planta, desde la semilla hasta el bosque, analizamos las experiencias surgidas de la construcción colectiva de nuestra praxis en busca de una ruptura con la dicotomía entre ser humano y naturaleza y a favor del desarrollo de la consciencia planetaria. Nuestro objetivo es contar nuestra historia sobre el cultivo de las semillas que obtuvimos de algunos frutos que nos llegan y alimentan nuestras esperanzas y acciones a través de *ConViva!*, entendiendo este gesto como una forma de posponer el fin del mundo. Alimentados por el diálogo con una realidad concreta, integración con la sociedad y acciones colectivas, hemos echado raíces, desarrollado y florecido. En este proceso, juntamos diversos aprendizajes, fortalecemos nuestros vínculos y dispersamos nuestras semillas, lo que nos permite vincular la pertenencia a la tierra y el desapego alrededor del mundo, como estrategia para enfrentar la crisis ambiental, que se da a través de la articulación entre la docencia, la investigación y la extensión.

PALABRAS CLAVE: Buen Vivir. Educación Ambiental. Educación Popular. Docencia-investigación-extensión.



Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol,
de céu e de lua mais do que na escola.
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo
mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor
o azul.
Manoel de Barros (2010)

Semear e germinar nossas esperanças

Ainda que alguns resistam em acreditar e outros neguem veementemente, a crise da modernidade está posta e os problemas socioambientais cada vez mais evidentes. Trata-se, como aponta Solón (2019, p.13), de uma crise sistêmica, cuja “magnitude é tão grande que o que está em jogo não é uma civilização em particular, mas o destino da humanidade e da vida”.

As vozes ancestrais não param de nos alertar: o céu está por cair sobre nossas cabeças! Anciães e anciões Apinajés - povo indígena com o qual temos convivido e aprendido - contam que nos primórdios do mundo o céu era baixo e as plantas pequenas, foi o crescimento delas que fez o céu se elevar. Para os Yanomamis são os xamãs, juntamente com os *xapiris*[6], que trabalham sem descanso para impedir a queda do céu. Segundo esse povo indígena:

No início, o céu ainda era novo e frágil. A floresta era recém-chegada à existência e tudo nela retornava facilmente ao caos. Moravam nela outras gentes, criadas antes de nós, que desapareceram. Era o primeiro tempo, no qual os ancestrais foram pouco a pouco virando animais de caça. E quando o centro do céu finalmente despencou, vários deles foram arremessados para o mundo subterrâneo. Lá se tornaram os *aôpatari*, ancestrais vorazes de dentes afiados que devoram todos os restos de doença que os xamãs jogam para ele, embaixo da terra. [...] As costas desse céu que caiu no primeiro tempo tornaram-se a floresta que vivemos, o chão no qual pisamos. [...] Depois, um outro céu desceu e se fixou acima da terra, substituindo o que tinha desabado (Kopenawa; Albert, 2015, p. 195).



Diversos povos indígenas, chamados também de povos da floresta, alertam: agredir a floresta, desrespeitar e descuidar da Natureza [5] é colocar em cheque a permanência do céu. Esse é um grito de socorro. No entanto, não podemos deixar que a tragédia anunciada nos afete com tristeza, desmobilizando nossa potência de agir (Spinoza, 2009) e, conseqüentemente, nos colocando em posição de aceitação, como se o destino estivesse dado, fosse inevitável. Ao contrário, esse deve ser um grito para nos acordar e nos colocar em movimento, em articulação, em processo de imaginação, invenção e (re)conhecimento de outros mundos possíveis. Daí a importância da esperança, como um imperativo existencial e histórico, necessidade ontológica e elemento imprescindível à luta, tal como defendido por Freire (2011a, p. 126), que afirma que “Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se”.

Na contramão dessa lógica exploratória e destruidora, que desarmoniza as relações e hierarquiza seres igualmente necessários e interdependentes, que nos entristece e paralisa, quais as saídas ou alternativas? Talvez as - ou algumas das - respostas estejam na própria Natureza, em seus ciclos, sua sabedoria. Vejamos, por exemplo, uma planta. Uma semente, quando encontra o solo e o ambiente apropriado ao seu desenvolvimento, germina. Pouco a pouco ela vai crescendo e se enraizando, simultaneamente firmando-se na terra e alongando-se em direção ao céu. Uma vez suficientemente crescida, ela se prepara para sua reprodução que, no caso das angiospermas, resulta na formação de flores e frutos. Os frutos - que muitas vezes servem de alimento para tantas espécies - dispersam-se, seja através da água, do vento ou dos animais. Fecha-se assim o ciclo, quando uma nova semente encontra sua terra fértil. E uma floresta se constrói a partir da germinação e desenvolvimento de muitas sementes.

O ciclo de vida da planta nos ensina sobre o movimento que vai da semente à floresta. Se nossa luta é pela floresta abundante e em pé, sejamos e dispersemos sementes, protejamos e cuidemos das mudas, aprendamos a florescer e dar frutos... façamos o estágio de sermos árvores. Essa aprendizagem e movimento encontra-se com a estratégia de Krenak (2020a, p.27) para adiar o fim do mundo, que “é exatamente sempre poder contar mais uma história”. Ou seja, sairmos das



monoculturas e cultivarmos florestas, dispersarmos nossas sementes-experiências contra hegemônicas. É esse, aqui, o nosso intento: contar a nossa história sobre o cultivo das sementes que obtivemos de alguns frutos que chegaram até nós e que têm alimentado nossas esperanças e ações por meio do *Programa de Extensão ConViva!: outras relações, outras convivências, outros mundos possíveis*. Os três principais frutos dos quais temos nos nutrido e obtido nossas sementes são: o Paradigma do Bem Viver, a Educação Popular e a Educação Ambiental.

Apesar do Paradigma do Bem Viver ter se tornado um espaço tanto de diálogo quanto de controvérsia, no qual não há verdades absolutas e tampouco definições precisas, Sólon (2019, p.23) entende tratar-se de “uma mistura complexa e dinâmica que abarca desde uma concepção filosófica do tempo e do espaço até uma cosmovisão sobre a relação entre os seres humanos e a natureza”. Para Acosta (2016, p.23), considerando-se a crise sistêmica que enfrentamos, o Bem Viver “se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida”, para o qual é imprescindível o “bem conviver em comunidade e na Natureza”. Trata-se, pois, de um fruto que nutre a visão de todo, de interconexão e de interdependência. Consequentemente, fortalece o movimento de colaboração pela vida, de permanente busca por equilíbrio entre múltiplas e diversas necessidades e cuidados recíprocos.

Nessa mesma perspectiva de valorização do coletivo e defesa do bem comum, encontramos com a Educação Popular, também entendida como educação libertadora, que é uma perspectiva educacional comprometida com as classes e lutas populares. Daí ser uma educação, como ensina Freire (1989), para a responsabilidade social e política, para a consciência de nossa inconclusão e historicidade, para a promoção e defesa de relações horizontais e igualitárias, para o combate a todas as formas de opressão, e para o engajamento na resolução dos problemas de nosso tempo-espaço. Por isso, é uma educação que não pode, jamais, estar desvinculada da realidade e esvaziada da vida.

E, justamente por um dos grandes problemas e desafios do nosso atual tempo-espaço ser a crise climática e ambiental, temos nos nutrido também de ensinamentos e diretrizes da educação ambiental. Tal como Tristão (2016, p. 44), temos fugido “de um modelo hegemônico e unívoco de Educação Ambiental e procuramos encontrar uma educação ambiental menor e múltipla”. Menor



no sentido proposto por Deleuze e Guattari (1977) de resistência das minorias frente ao que está posto como oficial. Não nos ancoramos, portanto, na perspectiva de educação ambiental para o desenvolvimento sustentável, tampouco comungamos com o discurso salvacionista de preservação da Natureza. Buscamos uma educação ambiental, como ensina Bispo (2023), para o envolvimento com a Natureza e com todos os seres - vivos e não vivos. Tal como Padilha *et al* (2011, p. 15), estamos à procura de “caminhos inéditos e viáveis da construção de processos educacionais participativos, ativos, democráticos e vivenciais” que possibilitem a consciência e a cidadania planetária.

Para isso, temos partido do nosso local, nossa terra. Estamos situados numa área de transição ecológica conhecida como Mata dos Cocais, com destaque considerável para a presença da palmeira Babaçu. Estamos, especificamente, localizados no município de Tocantinópolis, que tem mais de 50% de seu território pertencente à Terra Indígena Apinajé. E nos constituímos e dialogamos entre nós e com os outros a partir da Universidade, articulando-nos por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Nossa semente primeira é o Programa de Extensão Universitária *ConViva!: outras relações, outras convivências, outros mundos possíveis*, plantada em 2022. Uma semente que foi adubada com a decomposição e liberação dos nutrientes desses frutos que nos chegaram e que tanto nos inspiram. Uma semente semeada que encontrou sua terra fértil, germinou e vem se desenvolvendo, permitindo-nos esperar...

Enraizar e florescer de nossos movimentos

Assim como uma semente necessita de nutrientes para se desenvolver, enraizar e florescer, o mesmo ocorreu na estruturação do *Programa ConViva!*, que alimentado pelo diálogo com uma realidade concreta, pela integração com a sociedade e ações coletivas, enraizou-se, desenvolveu-se e tem florescido ações atravessadas pela educação ambiental, Educação Popular e pelo paradigma do Bem-Viver.

A sustentação cada vez mais firme na terra se dá pelo movimento constante de enraizamento, que nos possibilita ir cada vez mais fundo em busca de nutrição. Esse movimento ocorre, sobretudo, a



partir de nossos encontros periódicos para estudo compartilhado e trocas de experiências, bem como para planejamento e avaliação conjunta de nossas ações. Neles, partilhamos a comida e a palavra, sentamos em roda, revezamos a condução. Apesar das estruturas hierárquicas, próprias da Universidade, nos empenhamos para estabelecer horizontalidade nas relações. E, nesse processo, experimentamos coletivamente o exercício da práxis, de modo que nossas ações tornam-se “mais que um puro fazer, é *quefazer*, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão” (Freire, 2011b, p. 55).

O Bem-Viver, enquanto nutriente-orientador de nossas práxis, traz a perspectiva de uma vida harmoniosa na Natureza, com os outros e consigo mesmo, fortalecendo uma visão de mundo na qual a coletividade e a colaboração prevalecem sobre o individualismo e a competição. Isso não coloca fim ou desvaloriza o indivíduo, mas altera sua posição num mundo em interação. O indivíduo deixa de ser o centro e prioridade, para tornar-se parte de um todo mais amplo e complexo no qual todos são igualmente necessários.

O cuidar coletivo de um viveiro de mudas, que é uma das ações integradas do *ConViva!*, tem nos colocado no desafio de sairmos de nossas individualidades e antropocentrismo para enxergar o outro, para além do humano. Nesse processo, já plantamos mais de 300 mudas e doamos mais de 500. Perdemos também mais de 100 plantas, seja por doenças, desatenção ou problemas no sistema de irrigação. Concordamos com Boff (2012, p.14.) que “o cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade”, assim como que “cuidar é mais do que *ato*; é uma atitude. Portanto, abrange mais do que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização, de envolvimento efetivo com o outro” (*Idem*, 2013, p.37). Entendemos, no entanto, que saber cuidar requer aprender a cuidar e, para isso, precisamos ser inseridos em práticas de cuidado. O viveiro de mudas tem nos colocado nessa prática, estimulando-nos a desenvolver a sensibilidade e percepção das necessidades para manutenção da vida, assim como a encarar os desafios e contradições da ação coletiva. As mudas sofrem quando nos desorganizamos, quando alguns deixam de cumprir suas responsabilidades, quando não percebemos suas necessidades. O mesmo ocorre na relação entre nós e com as comunidades com a qual nos



envolvemos. O cuidado, consigo e com o outro, é uma tarefa permanente que exige consciência e comprometimento e que se constrói também a partir dos erros e contradições. É o que temos aprendido cuidando de mudas e plantas.

Se, por um lado, o movimento de enraizar tem nos possibilitado fortalecer a nossa sustentação e desenvolvimento, por outro, o florescer nos permite o movimento de expansão para outros espaços, realidades e diálogos. E assim como uma planta floresce em ciclos, o *ConViva!* também se reinventa continuamente, adaptando-se às novas demandas e contextos, sempre com a base sólida de suas raízes, que continuam a nutrir suas ações. As flores do *ConViva!*, atualmente, são os três projetos a ele integrados: o *EnVerdear*, o *GerminAR-TE* e o *Panhíme*. É por meio deles que buscamos nos reproduzir e propagar, num processo contínuo de fazer e aprender *com* os outros.

O projeto *EnVerdear* surge da demanda por aproximação entre a educação básica e o ensino superior. A junção dessa demanda com a necessidade de promoção de ações e diálogos numa perspectiva socioambiental, se deu considerando que o Centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins (CEHS/UFNT) abrange uma vasta área de vegetação natural caracterizada como babaçual, em decorrência da presença marcante da palmeira Babaçu, além do viveiro de mudas e de suas trilhas ecológicas, que oportunizam o contato com a Natureza e potencializam o desenvolvimento de propostas de educação ambiental.

A promoção de ações nestes espaços tem contribuído no desenvolvimento de práticas educativas socioambientais com estudantes de escolas públicas da cidade, a partir das quais eles vivenciam e experienciam os conhecimentos relacionados à Natureza de maneira direta. Coadunamos, assim, com o entendimento de Santos (2018, p. 55) de que “levando em consideração o princípio de que nos constituímos integralmente por meio das afecções que sofremos, vale dizer que somente nos constituímos seres de relação com a natureza se nos for possibilitado ser afectados por ela”. Portanto, o contato com a biodiversidade local, como as diversas espécies de árvores previamente identificadas e classificadas ao longo das trilhas ecológicas e com as mudas que estão em seu processo de crescimento no viveiro, tornam-se ferramentas potentes para a formação de uma consciência crítica e planetária.



O *EnVerdear* tem atuado como incentivador para o planejamento, desenvolvimento e avaliação de atividades formativas nas trilhas ecológicas, englobando o plantio de mudas. Além disso, promove debates e diálogos sobre a importância e necessidade de cuidarmos do ambiente. Essas iniciativas não só têm aproximado a educação básica da Universidade, como enriquecem o processo de ensino-aprendizagem de estudantes e futuros professores, contribuindo para uma educação que ultrapassa os limites da sala de aula.

Florescendo próximo às casas de crianças que têm a Universidade como “quintal”, fazendo dela um espaço que é parte de seu cotidiano, desabrocha o *GerminAR-TE*. Trata-se, pois, de um projeto que tem como público-alvo crianças de seis a onze anos de idade, moradoras do bairro onde está localizado o CEHS/UFNT e filhas e filhos de estudantes e servidores. Compreendendo a Universidade como um espaço plural e lugar também de crianças, o *GerminAR-TE* tem como focos ações que interconectam às infâncias, a arte e a natureza, objetivando fazer com que essas crianças experienciem, de forma lúdica, o que Mendonça (2007) compreende como Educação Ambiental vivencial. Ou seja, uma educação que considera o indivíduo como ser integral na aprendizagem, assim como seus sentidos e percepções, entendendo o corpo como elemento fundamental para a aprendizagem.

Partindo dessas premissas e princípios, fazendo o diálogo com a realidade da comunidade, com as crianças e seus responsáveis, e buscando compreender seus contextos sociais e culturais é que a proposta foi estruturada. Assim sendo, as inscrições e cadastro para a participação do projeto foram organizadas para o atendimento de 20 crianças, sendo 10 moradoras da comunidade e 10 filhas de estudantes e servidores. As oficinas, realizadas duas vezes ao mês, contam com atividades lúdicas de contato com a Natureza que exploram a criatividade artística, a autonomia e a percepção da Natureza como parte de nós mesmos. Em seu primeiro ciclo - já concluído - as atividades foram planejadas tendo como eixo os elementos da Natureza: terra, água, fogo e ar. No segundo ciclo - em desenvolvimento - o foco está nos cinco sentidos: visão, tato, audição, paladar e olfato.

O projeto *Panhíme*, por sua vez, surge a partir de oficinas de desenho animado em uma escola indígena Apinajé, iniciadas em 2022 pelo projeto “História de todos os povos”, do Núcleo de



cinema e animação de Campinas/SP e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e que contou com o apoio logístico da UFNT para sua realização. A experiência, que envolveu o manuseio de Zootrópio e mesa de luz para produção de sequência de desenhos para animação, resultou numa pequena curta-metragem. A devolutiva do resultado do trabalho à comunidade indígena, que se deu por meio de momento de exibição da animação produzida a partir dos desenhos das crianças Apinajés, foi recebida com entusiasmo pelas crianças e professores indígenas.

Dessa experiência floresceu nas crianças indígenas Apinajé e nos professores, o desejo de produção de uma animação mais longa que contasse sua história de origem: a história do Sol (Myyti) e Lua (Mytwryyre). Foi desse desejo-semente, plantado por professores e lideranças indígenas na universidade, que germinou o projeto *Panhĩme*.

Para que essa muda cresça, transforme-se em árvore e dê seus frutos, nossa primeira tarefa é colher essa história. Para isso, temos ouvido as mestras e mestres, que são as anciãs e os anciãos do povo Apinajé. O professor e liderança indígena, que faz parte do *Panhĩme* e tem atuado como interlocutor entre a universidade e os indígenas, explicou que, por trata-se de uma história oral passada de geração em geração, não há uma versão única. Daí a necessidade de fazer a escuta de 15 anciãs e anciãos, que são referências na comunidade, para a partir dessas narrativas compilar a história numa narrativa única, que precisará ser posteriormente validada por essas mestras e mestres antes da produção dos desenhos e da animação.

Para isso, o *Panhĩme* tem ido às aldeias onde moram essas anciãs e anciãos para fazer a escuta e gravação da contação dessa história a partir de diferentes vozes. Os encontros são previamente explicados, organizados e agendados pelo indígena interlocutor. No entanto, como a história é narrada em Apinajé é imprescindível a participação no projeto de estudantes indígenas falantes dessa língua, pois sem eles não é possível o diálogo com essas anciãs e anciões, bem como a posterior tradução e transcrição da narrativa para o português.

Na experiência do *Panhĩme*, o povo indígena Apinajé foi o pássaro que nos pediu para que fossemos sua árvore. Ao aceitar seu convite e nos aventurarmos a fazer algo que não era a priori de nosso ofício, abrimo-nos para um mundo novo e com eles temos aprendido sobre o céu, sobre o sol e a lua, sobre a Natureza, mais do que se estivéssemos apenas estudando na Universidade.



Nos momentos de escuta desses mestres e mestras indígenas, com a aproximação e diálogos com os estudantes universitários Apinajés e a partir dos estudos das narrativas da história do Sol (Myyti) e Lua (Mytwryyre) temos tido a oportunidade de aprender melhor o azul.

No desenvolvimento desses três projetos, partimos da compreensão freiriana de que o humano é um “ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (Freire, 1989, p. 39). Freire, buscando compreender as questões de seu tempo-espço, centrou-se nas relações entre humanos, cuja desigualdade precisava ser superada. Lamentavelmente, esse desafio permanece. No entanto, a crise agrava-se e, tal como destaca Latour (2020, p. 56), “os humanos não são mais os únicos atores, ainda que acreditem desempenhar um papel muito mais importante do que realmente possuem”. O nosso tempo-espço é o que precisa lidar com o fim das promessas da modernidade: não há Terra que sustente seus ideais de progresso, emancipação e desenvolvimento (Latour, 2020).

Por isso, além da inserção e diálogo com a realidade das comunidades com as quais nos envolvemos, temos também estudado, refletido e buscado compreender coletivamente sobre as estruturas que nos formam e, muitas vezes, conformam. Daí nossa preocupação e atenção não apenas em relação às nossas práxis, mas também com a nossa forma de existir num mundo em colapso, que nos ensinou a crer que estamos no centro. Nesse movimento, caminhamos rumo a uma compreensão de mundo pachacêntrica [8], tropeçando às vezes em nossas contradições.

Entendemos, assim, que ao florescer, o *ConViva!* gera frutos que potencialmente alimentam a consciência crítica e planetária, estimulando transformações tanto do ambiente quanto das relações sociais e interpessoais. Alinha-se, desse modo, ao movimento defendido por Krenak (2020b, p. 47) frente aos desafios postos para a permanência da vida humana na Terra: “Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora”.



Frutificar nossas utopias

Atravessado por discussões e ações ambientais, sociais, populares e buscando caminhos para uma (re)conexão com a Natureza, o *ConViva!* tem se mostrado potente no CEHS/UFNT, possibilitando a aproximação e diálogo com comunidades diversas e a aprendizagem daquilo que Bispo (2023, p. 15) define como confluência das relações: “quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende”. Essa aproximação e diálogo é quase como um movimento de escuta à terra e a Terra, similar ao que fazia o pai de Bibiana e Belonísia, na obra literária *Torto arado*: “Meu pai, quando encontrava um problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar. Como um médico à procura do coração” (Vieira, 2019, p. 100).

Ao fazer esse movimento atento de escuta, adubamos e contribuímos para que nossa terra se torne fértil, possibilitando o cultivo de sementes e colheita de frutos. Em quase dois anos de atividades e conversas, de estruturação dos projetos e ações integradas e de articulação para manutenção do *ConViva!*, alguns frutos-experiências, frutos-aprendizagens e frutos-histórias puderam ser colhidos a partir da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Apesar de frentes distintas de atuação, os três projetos e todas as ações integradoras desenvolvidas no *ConViva!* partem da compreensão de uma educação ambiental transversal, política e cidadã, visando uma consciência planetária. Por isso, tal como afirma Reigota (2016, p.13):

Quando afirmamos e definimos a educação ambiental como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrático de todos.

Assim, no entrelaçamento da educação ambiental, política e cultural, os projetos começam a colher os frutos de suas ações, fertilizadas pelas convivências e experiências com as práticas



educativas que contribuem para formação integral dos participantes, sejam eles membros das comunidades, graduandos ou professores coordenadores.

A partir destas reflexões advindas de nossa experiência, concebemos o *ConViva!*, cada vez mais, como um espaço de confluências. Diante da proposta de pensarmos, imaginarmos, descobrirmos e construirmos outros mundos possíveis, pautados em outras relações e convivências, temos gradativamente exercitado a ruptura com a dicotomia entre ser humano e Natureza. Tarefa esta que nos é desafiadora, posto que a sociedade moderna, por meio de diferentes aparatos e instituições, reiteradamente nos ensina a exercitar essa separação e distinção (Santos, 2018). Com esse movimento não apenas de reflexão, mas também de ação, as identidades docentes têm sido complexificadas e fortalecidas. Passamos a nos enxergar como agentes ativos dessa transformação social e ambiental paradigmática, da qual a educação ambiental transversal e política é instrumento. Nessa (re)aproximação, o ser humano passa a ser concebido, tal como defende Sauv   (2009), como uma aventura coletiva, cuja constitui  o se d   a partir das rela  es e na jun  o entre Natureza e cultura.

Com o *EnVerdear* temos aprendido o valor do cuidado, para além do discurso de preserva  o ambiental. A aten  o dedicada às mudas do viveiro, desde a chegada ainda bem pequenas até o momento do plantio,    uma experiência de observa  o e serviço às demandas dos outros seres. Nesse processo, vamos aprendendo as necessidades de cada uma delas, assim como a identificar suas espécies, as características que possuem e sobre seus funcionamentos. Esse exercício de cuidado nos sensibiliza para nossa práxis docente. Além disso, fazer do ambiente aberto e com vegeta  o diversa nossa sala de aula, nosso espaço educativo, de encontro com a educa  o básica e a rede pública de ensino, tem nos aproximado da ideia de compartilhamento defendida por Bispo (2023), que se opõe    ideia de troca. Ou seja, não se trata de rela  es em que algo    dado “em troca” de outra coisa, mas sim de compartilhamento de a  es, experiências, saberes e, sobretudo, afetos.

Por se tratar de um projeto semeado por muitas mãos, o *GerminAR-TE* tem colhido experiências significativas junto às infâncias. As vivências com as distintas culturas infantis produzem em nós reflexões acerca do fazer educativo, envolvendo-nos num processo de planejamento,



desenvolvimento e avaliação coletivo e horizontal, tal como apregoa a Educação Popular (Freire, 1989, 2011a, 2011b). As crianças, que se apresentam entusiasmadas nos encontros das oficinas, são convidadas a vivenciarem experiências de relação com a Natureza, por meio de propostas intimamente vinculadas ao brincar. Ainda que haja algumas intencionalidades pedagógicas em nossas práticas, temos aprendido sobre o valor do livre brincar para o estabelecimento de vínculos afetivos com a Natureza. Vale ressaltar, como destaca Santos (2018, p. 179), que o discurso da maior parte dos documentos oficiais no campo da educação brasileira, concebe a Natureza de três formas: “a) como meio ambiente a respeitar e preservar; b) como campo de recursos para a sadia qualidade de vida humana; c) como espaço para a promoção de atividades pedagógicas de diferentes áreas do conhecimento”. A dimensão do vínculo afetivo, decorrente do estabelecimento de uma relação, não ganha destaque como orientação pedagógica aos professores. Daí o valor da inserção no *GerminAR-TE* como possibilidade de ampliação do olhar na formação em Licenciatura ou Pedagogia.

No *Panhĩme* a aproximação e envolvimento com a comunidade indígena Apinajé e escuta de suas narrativas têm nos possibilitado aprender cada vez mais com sua cultura, tradições, saberes ancestrais, visões de mundo e forma de se relacionarem com a Natureza. Essa é uma aprendizagem importante não apenas porque estamos localizados geograficamente próximo a um território indígena, mas sobretudo porque nos educa para a diversidade, o que é imprescindível no desenvolvimento de uma consciência planetária. Nesse sentido, o *Panhĩme* se apresenta como uma possibilidade de práxis intercultural, uma vez que proporciona o encontro de conhecimentos ancestrais com conhecimentos científicos e técnicas de animação. Aprendemos, assim, na prática, a valorizar o universo cultural do outro. Importa ressaltar que, no âmbito da formação de professores, “a perspectiva intercultural pressiona o modelo escolar clássico e inclui nela não apenas diferentes línguas, mas, sobretudo, diferentes culturas” (Candau; Russo, 2010, p. 157). Desse modo, a imersão nas narrativas Apinajés contribui para uma formação docente efetivamente intercultural, ou seja, crítica. Entendida como “caminho para desvelar os processos de de-colonialidade e construir espaços, conhecimentos, práticas que permitam a construção de sociedades distintas” (*Idem*, 2010, p. 165).



Na longa caminhada que Sol (Myyti) e Lua (Mytwryyre) trilham juntos pela Terra, criando pouco a pouco o mundo que hoje vivemos, há muitos diálogos e peripécias. Conversas e situações essas que expressam a relação do povo Apinajé com o ambiente e a Natureza. Ensina-se sobre as plantas, o fogo, a caça, as ferramentas, a morte, a descendência, o equilíbrio, dentre tantos outros elementos que atravessam a experiência comum da vida. Conhecer e provar desse fruto-narrativa e contribuir para dispersar suas sementes por meio do processo de gravação, tradução, transcrição e - futuramente - produção de desenhos e animação, é uma oportunidade ímpar de atuar ativamente em prol do combate ao fim do mundo enquanto narrativa única e distópica.

Devemos destacar, ainda, outras experiências coletivas que têm sido construídas a partir do *ConViva!* ou que se desdobram dele. As saídas de campo, por exemplo, são momentos que nos permitem conhecer não apenas outros ambientes, vegetações e contextos, promovem também o aprofundamento das relações entre nós ao nos lançar para situações e experiências novas e desafiadoras. Outro exemplo é o exercício de refletir e pensar sobre nossa prática educativa e extensionista, que tem nos inserido no universo da pesquisa, impulsionando-nos para a aprendizagem e apropriação da sistematização da experiência e escrita acadêmica. Um movimento que nos fortalece e qualifica, ao mesmo tempo que nos estimula a compartilhar nossos frutos e dispersar nossas sementes.

Para Latour (2020, p.112), “o solo permite se vincular; o mundo, se desprender”. Segundo ele, o enfrentamento à tragédia anunciada com o fim da promessa da modernidade e a crescente crise ambiental depende de nossa capacidade para “conseguir realizar dois movimentos complementares que a provação da modernização havia tomado como contraditórios: de um lado, *vincular-se a um solo*; e de outro, *mundializar-se*” (*Idem*, 2020, p.21). Com o *ConViva!* e os projetos a ele integrados, temos buscado exatamente esse movimento: enraizarmo-nos profundamente em nosso solo e nos dispersamos pelo mundo. Entendendo esse enraizamento não como mera valorização do local, mas como tomada de nosso tempo-espço como sustentação de nossas ações e atuações. E a dispersão pelo mundo não como um espalhamento aleatório, mas como ampliação dos diálogos e compartilhamentos, os quais são imprescindíveis para a consciência de uma existência planetária.



Freire (1989, p. 41) escreveu: “o homem existe - *existere* - no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se”. Daí a existência, nos momentos de crise, desse “[...] choque entre um ontem esvaziando-se, mas querendo permanecer, e um amanhã por se consubstanciar, que caracteriza a fase de trânsito como um tempo anunciador” (*Idem*, 1989, p. 46). Nas nossas múltiplas experiências no *ConViva!* e a partir do que delas colhemos, temos fortalecido nossas utopias, ampliado o horizonte que nos faz caminhar. Justamente por estarmos diante de uma enorme crise é que não é tempo de desanimar, mas sim de anunciar outras relações, outras convivências e outros mundos possíveis.

Bibliografia

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda, São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. 18ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (série Logoteca).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** - Como se orientar politicamente no Antropoceno. Tradução de Marcela Vieira, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.



MENDONÇA, Rita. Educação Ambiental Vivencial. *In*: FERRANO JÚNIOR, Luis Antonio (Org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadores (as) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2007. p. 119 - 129.

PADILHA, Paulo Roberto; FAVARÃO, Maria José; MORRIS, Erick; MARINE, Luiz. (Orgs). **Educação para a cidadania planetária**: currículo interdisciplinar em Osasco. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2014. Coleção Passos.

SANTOS, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos. **Criança e a experiência afetiva com a natureza**. Curitiba: Appris, 2018.

SAUVÉ, Lucie (2009), *Vivre ensemble, sur Terre: Enjeux contemporains d’une éducation relative à l’environnement*. **Éducation et francophonie**, v. 37, n. 2, p. 1–10, 2009. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/ef/2009-v37-n2-ef3580/038812ar.pdf>. Acesso em 30/09/2024.

SÓLON, Pablo (Org). **Alternativas sistêmicas**: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. Tradução de João Peres, São Paulo: Elefante, 2019.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TRISTÃO, Martha. Educação Ambiental e a descolonização do pensamento, **Rev.Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Ed. Especial, junho/2016, p. 28-49. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5958>. Acesso em: 30/09/2024.

VIEIRA, Itamar. **Torto Arado**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em: 15/09/2024

Aceito em: 15/11/2024

[1] Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: aline.campos@ufnt.edu.br

[2] Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: edinelma.resplandes@ufnt.edu.br

[3] Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: maria.victoria@ufnt.edu.br



[4] Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: pedro.lopes@ufnt.edu.br

[5] A opção pela grafia com a primeira letra maiúscula justifica-se pelo entendimento assumido no texto da Natureza com ser vivo, análogo à uma espécie de entidade a qual tudo e todos estão inseridos e fazem parte.

[6] São os espíritos da floresta, segundo a cultura Yanomami.

[7] Pacha é o todo, que tem vida. Refere-se à Natureza e ao todo como o centro (Sólon, 2019), diferente da ideia de antropocentrismo que tem a humanidade como centro.